



## TRANSCRIÇÃO MIRIAM CHNAIDERMAN

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Então, eu sou a Miriam Chnaiderman e primeiro eu queria dizer da minha admiração por esse trabalho que você vem fazendo, Heidi, que é um trabalho único. Eu não conheço no mundo alguém que faça esse trabalho e falar da história da psicanálise é algo absolutamente necessário e que coloca a psicanálise no mundo. Porque você faz documentários, você documenta para que o mundo... Para que a psicanálise possa estar no mundo e ser transformada pelo mundo também. Então eu queria deixar muito claro minha enorme admiração e tô prosa de estar aqui, tô feliz.

Queria também falar que essa nossa conversa, essa minha falação, acontece num momento de perda de uma grande figura da história da psicanálise que é a morte do Mario Fuks e, claro, que eu não posso deixar de homenagear. De algum jeito ele tá presente nos desenvolvimentos do que eu vou estar falando. Então não podia deixar de fazer uma referência a esse fato.

Bom, pensei muito por onde começar.

Na minha história eu fiquei pensando o quanto eu sou de fato alguém que acompanhou muito de perto o nascimento de uma forma de ser psicanalista que aconteceu dos anos 70 pra cá e do qual minha mãe [Regina Schnaiderman], o Sedes [Instituto Sedes Sapientiae], foram protagonistas. E acho que é disso que é importante falar.

Porque é preciso deixar claro alguns pontos.

Bom, eu venho de uma família de intelectuais: meu pai [Boris Schnaiderman] era tradutor do russo, fundador da cadeira de língua e literatura russa. Isso depois de ter sido agrônomo. Minha mãe era química e virou psicanalista.

Ela fez psicologia, eu já com 11 anos, eu me lembro porque eu fiz o exame de admissão e ela fez o vestibular para psicologia. Então nós duas fizemos exames difíceis, porque fazer admissão naquele momento não era uma coisa fácil também.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Naquele momento ela dava aula de química no Bandeirantes e no Dante Alighieri. Ela dava aula particular e os alunos viviam na minha casa e desde então ela adorava conversar com eles, ela adorava, era procurada... Foi aí que ela conheceu a Betty Milan, a Marie Christine Laznik e algumas figuras que nos acompanharam pela vida afora. Foi como professora de química. Minha mãe, até hoje às vezes eu vou em alguma reunião e: "Ah, você é filha da Regina? Foi minha professora de química"... Parece que ela era uma grande professora de química!

Naquele momento quando ela entrou na psicologia e eu fiz a admissão no Dante Alighieri, eu me sentia super mal no Dante Alighieri, sempre me senti uma E.T. total: ruiva, sardenta, não católica... Eu me sentia muito estranha.

[5:10] Aliás, essa coisa do judaísmo é... Tem uma história muito engraçada: quando eu fui entrar no primário, meu pai e minha mãe quiseram me colocar numa escola pública. Comunistas, preocupados com o Brasil, lá fui eu estudar no Rodrigues Alves da Paulista, eu fiz o primeiro ano lá. Me lembro até hoje da professora, tem até fotos dessa professora comigo, em casa, ela chegou a frequentar nossa casa, que era na Avenida Paulista. A gente morava na Avenida Paulista e no segundo ano, eu tive uma professora e foi muito engraçado, porque um dia meus pais me pegaram na cama chorando, de pé na cama chorando, aos prantos, com medo do comunismo, porque a professora dizia que os comunistas iam vir e iam separar os pais e os filhos, que a gente ia ser posto num lugar muito feio... Enfim, o comunismo era o bicho papão que essa professora enfiava na cabeça da gente. Meus pais me tiraram imediatamente da escola pública. Minha mãe dava aula no Dante Alighieri e lá fui eu pro Dante Alighieri. Bom, então minha mãe... Isso são os folclores...

Eu queria dizer que o meu pai e minha mãe foram militantes do Partido Comunista. Mais meu pai, minha mãe era ou simpatizante ou se envolvia em causas... Eu lembro da minha mãe contando que ela tinha visto o Pablo Neruda recitando no Pacaembu, ela tinha ido... Ela participava de vários movimentos... Meu pai foi pracinha na Segunda Guerra por



escolha. Ele era reserva, ele morava no Rio [de Janeiro] quando fizeram a entrevista com os reservistas pensando já na ida pra Itália. Ele falou que falava francês, inglês, barara-barará... Deu um jeito de ir. Ele queria ir lutar contra os nazistas.

Meu pai foi lutar contra o fascismo na Itália. E lá foi onde na FEB [Força Expedicionária Brasileira], como pracinha, foi que ele entrou mesmo em contato com o Partido Comunista, enfim, voltou militante.

E meu pai, quando foi o vigésimo congresso, em 1954, que apareceram todos os crimes do Stalin, meu pai deprimiu de não levantar da cama, de ser medicado. Meu pai era alguém profundamente implicado com a questão política.

Quando a gente tava em São Paulo, quando já foi o 14º Congresso, ele já não era mais agrônomo, ele tava trabalhando... Ele resolveu ir pra literatura, ele tinha sido proibido de fazer curso de letras, ele já traduzia Dostoiévski, mas traduzia com pseudônimo. Aí foi quando voltando pra São Paulo ele decidiu que ele não ia mais trabalhar como agrônomo e ficou anos sendo funcionário da Editora Jackson, que é a editora que publicava o *Tesouro da Juventude*, a *Barsa*...

Então meu pai era uma enciclopédia ambulante mesmo, de fato, e minha mãe dando aula e ele como funcionário da editora e a gente estudando no Dante Alighieri.

Naquele momento a gente pagava aluguel. A gente não tinha televisão, demorou pra gente ter televisão e meu pai era um sujeito que falava que era contra a propriedade privada, que achava bobagem ter um apartamento. Tudo isso mudou depois, mas na minha infância eu ouvia isso, que não tinha nada demais pagar aluguel e a gente foi só mais tarde, que meu avô, pai da minha mãe, fez eles comprarem um apartamento. Eu bem mais velha. A televisão entrou em casa eu tinha 11, 12 anos... Era essa nossa vida.

Então eu me sentia um E.T. no Dante Alighieri, que era uma escola de grã-finos ao máximo. Até que no Clássico eu não aguentei, fui embora do Dante Alighieri e fui primeiro pro Pasteur e depois pro Colégio de Aplicação onde eu me senti muito bem, era 67, 68... Foi uma revolução na minha vida!



## PSICANALISTAS QUE FALAM

[10:15] Mas minha mãe foi fazendo a faculdade de psicologia e quando foi no terceiro ano, ela já tinha um diploma, então ela foi chamada pra dar aula na Psicologia Social, ficou dando aula muito tempo. Ela era colega de pessoas muito incríveis como o César Ades, que morreu faz alguns anos, um etologista bem importante.

Eu me lembro da minha casa cheia de gente estudando estatística, que era o monstro da psicologia e ela foi dar aula.

Também nesse momento... Eles tinham um grupo, um grupo muito coeso, porque também vinha de uma militância, esses grupos costumam ser muito viscerais e que era um grupo que também estudava filosofia com o Anatol Rosenfeld. Toda 2ª feira, durante, acho que, quase vinte anos, eles iam na casa do Jacob Guinsburg e da Gita [Guinsburg] ter aula com o Anatol. O Anatol Rosenfeld foi uma figura muito importante na minha vida. Meus pais eram muito ligados, o Anatol foi o primeiro a ler os meus textos de ficção, que eu escrevia aos 15, 16 anos e eu me lembro que ele gostou. Ele vinha em casa, enfim... Era uma figura...

Ele tinha vindo fugido do nazismo e chegou no Brasil e trabalhou como mascate pelo Brasil afora, vendendo gravata. Até que, eu não sei se foi o Gabriel Bolaffi, mas alguém da USP descobriu o Anatol como um filósofo que tava vendendo gravata no Brasil e aí, enfim, se fundou esse grupo de estudo que foi muito importante, porque passou por ele muita gente, até o Bento Prado chegou a frequentar esse grupo, o Amazonas Alves chegou a frequentar esse grupo da 2ª feira... Eles leram a *Crítica da Razão Pura* [de Immanuel Kant] inteirinha juntos. Eles eram um grupo muito importante. Tinha a Sula [Terepins] e o José Terepins, tinha a Rita [Seincman] e o Leo Seincman que são meus primos... Enfim, era um grupo muito coeso e que existia...

E quando minha mãe foi fazer psicologia, o Anatol Rosenfeld ficou muito bravo, ele não acreditava na psicanálise, ele tinha muito medo de qualquer irracionalismo. Assim, ele vinha fugido do nazismo e ele tinha pavor. Ele falava pra minha mãe que agora ela ia ser



"ioga e horóscopo e Jung". Eu me lembro que isso é uma frase dele criticando minha mãe por ir fazer psicologia.

E minha mãe sempre foi muito contraventora mesmo. Ela adorava dançar, ela adorava cantar, ela era uma pessoa de uma vitalidade, assim, até muitas vezes opressora, porque era uma ânsia de vida, uma busca de ser no mundo, de estar no mundo, que muitas vezes as pessoas se assustavam.

Então ela foi e estudava muito e lia muito e vivia muito e sentia muita falta de gente...

Eu só fui saber que minha mãe não era brasileira nos últimos anos dela, mas eu acho que tudo isso entra... Porque aos seis anos ela imigrou da Bessarábia e conseguiram os documentos brasileiros e ela teve que esquecer o russo. Meu pai trabalhava com russo, ela não falava russo e esquecer que ela não tinha nascido no Brasil. Foi só com a análise com o Fernando Ulloa, no final da vida dela, já... Que ela pode me contar, contar pra mim, pro meu irmão [Carlos Chnaiderman], que ela não era brasileira, que ela tinha nascido na Bessarábia.

Eu acho que essa dupla origem, porque ela era muito brasileira, eu acho que isso entrava na obesidade dela, nessa ânsia, nessa carência, nessa conexão com o universo que ela tinha, enfim... mas, voltando, que isso tudo...

Pode ser que eu esteja falando meio desordenadamente, é que é assim, porque uma coisa vai juntando com a outra e não tem muito jeito...

Mas quando ela foi... Ela decide...

Ela era muito próxima do Isaías Melsohn. Isaías Melsohn é um psicanalista da Sociedade [de Psicanálise de São Paulo] – foi, pra mim ele ainda tá vivo, que coisa impressionante! Ele foi um psicanalista que já era didata nesse momento. Tinha muito poucos didatas naquele momento, a gente tá falando de quando? Tá falando de 64, 65, 66... Enfim... 63... E ele já era, tinha pouquíssimos didatas. Naquele momento os didatas



## PSICANALISTAS QUE FALAM

davam aula na USP de psicanálise: o [Armando] Ferrara, a Virgínia Bicudo, todos esses chegaram a dar aula na Psicologia e conheciam minha mãe então.

[15:20] O Isaías, a minha mãe a vida toda foi muito próxima do Isaías Melsohn, eram irmãos e muitas vezes eu achava que minha mãe era muito apaixonada mesmo pelo Isaías e ela puxava o Isaías pro que ela descobria de cursos de filosofia e ela discutia... Eles eram grandes interlocutores...

O Isaías foi um grande clínico. A gente fez anos e anos um seminário clínico com o Isaías. Eu sou marcada na minha escuta clínica pelo Isaías, que tinha uma concepção de psicanálise bastante disruptora. Ele não era bem visto na Sociedade porque ele fazia uma crítica de um inconsciente conteudístico, depósito de conteúdos. Ele conhecia muito o [Ernst] Cassirer, ele era mais da fenomenologia, ele pensava numa consciência pré-reflexiva e não no inconsciente e isso era “palavrão” na Sociedade de Psicanálise. Então ele batalhou muito pra minha mãe entrar na Sociedade. Ela foi tentar – isso eu tinha quanto? 13, 14 anos... E não entrou. Nesse momento ela fazia análise com alguém da Sociedade, eu lembro até o nome dessa pessoa e ela não entrou. Parece isso, o Isaías contava que ninguém se sentia podendo ser analista-didata da minha mãe. Minha mãe... Todo mundo tinha medo da minha mãe. Muito inteligente, muito transgressora, enfim. E ela ficou muito mal. Muito mal. Aí foi a vez dela derrear.

Meu pai tinha derreado em 54 e ela agora quebra, quebra mesmo, muita dor. E ela tentou de novo, depois de um ano, um ano e meio. E não conseguiu de novo.

Era um momento em que os analistas também interferiam na entrada ou não e isso era comum. Na Inglaterra de fato os analistas decidiam quando um paciente em análise didática poderia ou não entrar nos seminários de supervisões e fazer o curso de formação. Então era tudo uma coisa difícil, uma coisa contra o Isaías também. Foi muito sofrido.

Foi sofrido e foi importante, porque:

aí se marca o início de uma psicanálise fora da IPA [International Psychoanalytical Association] fora da instituição oficial herdeira do Freud, porque minha mãe decidiu que



## PSICANALISTAS QUE FALAM

ia estudar o Freud e que ia virar psicanalista e chamou – aí é muito importante esse momento – porque ela chama a Betty Milan, que tinha sido aluna de química dela no Bandeirantes, que chama o Fabio Herrmann, de quem ela era colega na faculdade de medicina e os três começam a ler o Freud. A ler o Freud. Depois a Christine Laznik se junta a esse grupo e esse grupo é uma história linda, porque ele vai crescendo, vai crescendo e vão tendo adesões.

[20:10] Era o grupo dos sábados. Minha mãe fazia um bolo de chocolate, que é bem típico dela, um bolo de chocolate amargo, que é bem judaico também e as pessoas vinham no sábado...

E eu entrei quando eu tava no terceiro ano da faculdade. Diga-se, de passagem, que eu não queria ser psicanalista.

Eu era uma militante, eu tinha entrado em filosofia e psicologia, naquele momento podia entrar e eu achava a psicanálise elitizada, limitada...

Eu tinha projetos... O meu primeiro projeto de iniciação científica, que eu não cheguei a fazer, era fazer um estudo do Chacrinha – controle e contra-controle, porque era tudo comportamental, do Chacrinha. Eu estava preocupada com psicologia mais social... Eu nunca achei... Achei que se fosse ser.... (*para equipe: Ai, eu tô mexendo aqui sem querer, desculpa*). Achei que, enfim, que eu não ia ter consultório. Por isso eu entrei em filosofia também, entrei em filosofia e psicologia. Só que eu entrei em 69. Eu entrei em março: [José Arthur] Giannotti, Bento [Prado], todos os mestres da filosofia foram caçados.

Eu tive uma aula com o Giannotti, uma aula em que o Giannotti falava assim – eu fiz noturno, porque de dia eu fazia psicologia, o Giannotti falava assim: "Pra ser filósofo você tem que saber pelo menos cinco línguas: latim, grego, francês, inglês, alemão...". Num curso noturno, que as pessoas tinham saído dos seus trabalhos pra estar lá. Eu fiquei puta da vida: "Que história é essa?". Eu fiquei horrorizada. Enfim, mas eles foram cassados e eu



## PSICANALISTAS QUE FALAM

tranquei filosofia naquele momento e fiz só psicologia. Bom, mas fui indo, continuou... No ano seguinte eu fiz filosofia e psicologia...

Se tivesse que falar de mim, eu diria que eu sou uma esfomeada, uma esfomeada, alguém que tem uma ânsia de saber, de fazer, de ler e de conhecer... Meus pais falavam que quando eu era pequena eu era muito curiosa, muito curiosa! Ainda sou e continuo igual, continuo voraz nisso tudo, isso faz com que... Até me move, porque eu consigo fazer muitas coisas mesmo.

Mas, bom, enquanto eu tava fazendo... Nesse meio tempo também, é importante contar isso: eu e meu irmão desde os 15 anos a gente militava, a gente tinha começado na política juntos, com 14, 15 anos... Chegou um momento em que eu tomei um caminho e meu irmão tomou outro, da luta armada. Eu tomei outro caminho, que não, enfim, não acreditava muito nessa coisa toda da luta armada, tinha uma visão mais clássica talvez do jeito de fazer a mudança no Brasil e, em 69, claro, com as cassações e tudo o que aconteceu foi um ano muito difícil. Meu irmão acabou na clandestinidade.

O ano de 69 foi muito tenso, foi quando eu fiz psicologia e foi no meio de tudo isso, já tinha sido, que minha mãe ficou nessas tentativas de entrar na Sociedade e começou a estudar o Freud, foi no meio desse contexto.

O ano de 69 foi terrível, porque depois do AI-5 a gente tinha muito medo. Meu irmão começou a ser perseguido, minha mãe viveu coisas muito difíceis. Ela dava aula na faculdade de Mogi das Cruzes, ela ia de trem, de noite, com os alunos e professores e uma vez, na saída da aula, ela viu os cartazes de terroristas procurados. Tava no meio de alunos e professores e viu meu irmão no cartaz de terrorista procurado e foi terrível, se segurou, não podia abrir a boca e a gente viveu momentos assim, muito, muito difíceis. Eu com medo, medo de andar sozinha, medo de que eu fosse ser presa...

[25:20] Uma vez meu namorado daquela época, que foi meu primeiro marido, ele saiu de casa e foi... Um cara que tava vigiando a casa pegou ele e ameaçou que ele tinha que contar onde tava meu irmão e não sei o que, não sei o que... Ele percebeu que tinha



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

feito uma bobagem, porque a gente não sabia onde tava meu irmão e disse: "Se você contar pra alguém que eu te parei, você vai morrer e não sei que lá". Claro que ele contou, mas foi a partir daí que eu não saí sozinha, foi muito ruim.

Até que meu irmão acabou se exilando no Chile, foi uma travessia difícil. Minha mãe, acho que é importante falar, né, assim, da passionalidade da minha mãe e da *ídishe mame* que ela era tendo que lidar com esse filho. Eu assisti durante o ano de 69 cenas muito terríveis. Era aqui que tudo acontecia, esse apartamento era dos meus pais. Meu irmão ia sair, tinha uma assembleia no Crusp e ele fazia segurança e minha mãe trancou a porta e disse que ele não ia sair e foi um escândalo. Minha mãe urrava, meu irmão brigava... Ele acabou saindo, porque ela acabou deixando ele sair, dupla mensagem judaica, né? E minha mãe se jogava no chão, quebrava prato, um negócio muito sofrido que a minha mãe viveu com meu irmão, muito sofrido! Eu fiquei tão desnorreada... O Isaías morava na rua Maranhão, eu saí correndo atrás do Isaías pra ele me ajudar. Era dia de semana, ele tava atendendo, eu me lembro que eu cheguei no consultório do Isaías e quem tava saindo era a Betty Milan, que era paciente do Isaías... Eu falei com a Betty, depois falei com o Isaías, eu fiquei muito assustada muitas vezes com a dor da minha mãe com meu irmão. Foram coisas bem... E nesse período eu acho que ela... A existência desse grupo: Betty, Fabio... Começou a entrar a Sula Terepins, começou a entrar outras pessoas... Entrei eu com as minhas amigas, as minhas colegas... A Christine tava, o ex-marido da Christine entrou... Também era um matemático... Até a Lara Lavelberg passou por esse grupo, era um momento [Centro Universitário] Maria Antônia... A Lara era muito inteligente, minha mãe gostava dela, muito bonita, muito inteligente, chegou a frequentar... Umas duas vezes, mas vinha.

Era um grupo badalado esse grupo da minha mãe pra ler Freud. E acho que aí tá o embrião importante do que depois se articulou no Sedes, né?



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

Nesse meio tempo meu pai foi se ligando... Os concretistas tinham procurado meu pai, quer dizer, no meio disso tudo, quando... Eles já tinham procurado meu pai em 63... O Augusto de Campos chegou a fazer aula com meu pai na Maria Antônia – a Maria Antônia era o grande "tchans" assim. O Haroldo [de Campos] e o Augusto [de Campos] frequentavam minha casa e eu me lembro de almoços muito exuberantes que minha mãe dava, minha mãe era muito generosa, muito... Enfim, com todos os poetas... O Décio Pignatari se aproximou da gente, foi quando eu conheci o Júlio Bressane com o Décio...

Eu tive acesso a coisas muito incríveis por causa desse mundo onde eu circulei. Foi quando tinha encontros com leituras, meu pai falava em russo, o Haroldo falava na tradução dele e tudo muito... E foi quando eu entrei em contato com os anagramas do Paul Valéry e comecei a fazer também anagramas: flor como sendo uma flor e eles achavam o máximo, porque eu tinha 13 anos, sei lá quantos anos eu tinha...

[30:10] E eu fui tendo contato com esse mundo e eu era já muito apaixonada por cinema. Aos 15 anos eu saía... Aí eu fui pro Colégio de Aplicação, eu saía do Colégio de Aplicação e ia pra Cinemateca na Sete de abril, religiosamente, vi todo o Expressionismo Alemão, assim, sistematicamente: saía e ia. Vi...

Meu pai... Minha mãe era muito próxima do Paulo Emílio [Sales Gomes] – minha mãe era muito badalada, ela dizia que conhecia o Oswald de Andrade, tinha um Di Cavalcanti que ela tinha ganhado do Di Cavalcanti e que ela vendeu pra ir pela primeira vez pra Europa, em 68, porque meu irmão tava com hepatite, ou seja, meu irmão ficou doente e ela viajou, porque, se não, não dava pra viajar. Meu irmão ficou com hepatite, preso em casa e ela foi pra Europa, aproveitou pra ir pela primeira vez pra Europa em 68 e vendeu o Di Cavalcanti pra ir pra Europa, mas tinha coisas muito... tem ainda aí... Nessa parede tem Lívio Abramo, tem Aldemir Martins, tem Ismael Nery, enfim... Tem aquele desenho que tá lá da minha mãe que o Flávio de Carvalho que fez dela.

Então minha mãe badalava por esses mundos. E era muito amiga do Paulo Emílio que ela admirava profundamente, assim, contava histórias de fugas dele, da prisão, de



histórias muito... Que ele era um trotskista, então não era alguém na linha do partido, então ela tinha profunda admiração.

E eu tive experiências muito incríveis. Eu assisti o *Rei do Baralho* do Júlio Bressane, porque ele tinha chamado o Haroldo de Campos, o Paulo Emílio e o meu pai pra assistir, o *Rei do Baralho*, que é um filme grandioso do Júlio Bressane. E lá fui eu, eu ia sempre de carona. Meu pai também...

Naquele momento na Cinemateca, quando passavam os filmes russos, que não tinham legendas, o Paulo Emílio chamava o meu pai pra traduzir as legendas quando os filmes russos passavam. Também lá ia eu assistir, grudada no meu pai. Eu acompanhei muito meu pai... O ator do *Ivan, o Terrível*, do [Serguei] Eisenstein, veio pro Brasil e meu pai foi intérprete e eu acompanhei todas as falas do [Nicolai] Cherkasov e dos atores russos que vieram com ele. Então sou muito marcada por essas experiências. Quando o Cherkasov veio, o *Ivan, o Terrível* passou no antigo Cine Coral, que era imenso e, com uma declamação antes do filme passar, e eu fui... Me formei assim nessa paixão pela arte, pela literatura, pelo cinema...

Eu lembro quando teve o golpe de 64, o Haroldo tava com uma bolsa na Tchecoslováquia que ele não queria voltar e o Haroldo deprimiu com o Golpe de 64 de também não sair da cama. Assim, então era tudo muito intenso nessa casa aqui.

Minha mãe, então, era uma pessoa que também vivia intensamente esse mundo, também se...

Me lembro da minha mãe, assim, querendo experimentar maconha... Segundo ela, quando foi pra Salvador ela tomou um ácido. Ela tinha essa curiosidade do que estava em volta dela.

Então esse grupo começou a existir... A Julieta Nobrega estava nesse grupo do sábado e a gente estudando profundamente o Freud.

E minha mãe, foi o Haroldo de Campos que contou pra minha mãe do Lacan. Quando a Christine uma vez foi pra França, ela trouxe o volume dos *Ecrits*. A Christine



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

ainda não entendia nada disso, depois foi fazer análise com Lacan, mas trouxe um volumão e minha mãe se pôs a ler e ela era muito antenada nos franceses: André Green, [John] Steiner, [Guy] Rosolato, enfim, ela era muito... Sabia do que se passava na psicanálise francesa num momento em que aqui a gente era dominado pela escola inglesa.

[35:25] Eu fiz minha primeira análise nos anos 70 e era uma dificuldade, porque era o auge da polícia vigiando a casa, do meu irmão perseguido e eu não queria de jeito nenhum um analista que dissesse que eram problemas edípicos essa questão da gente lutar contra a ditadura, que eram questões com a autoridade... Eu queria alguém que pudesse dimensionar o que eu tava vivendo. Eu escolhi meu analista, meu primeiro analista, que foi uma grande análise bioniana [à la Wilfred Bion], que eu fiz uma grande análise, porque ele apareceu como não indiciado no processo da ALN [Ação Libertadora Nacional], então eu falei: "Ele deve saber do que se trata, eu não vou estar falando grego pra ele". E fui. E foi uma análise bioniana que me tirou do eixo e foi muito importante pra mim. Difícil, pelo... Porque foi um momento que, enfim, foi um momento onde ele tinha sido chamado pra trabalhar no Sedes e isso teve interferências muito sérias na minha análise, enfim, mas aí eu chego lá.

Bom, fui fazer a minha primeira análise. Meu irmão acaba indo pro Chile, que foi uma epopeia ele chegar no Chile. Eu fui várias vezes pro Chile com a minha mãe, meu pai... A gente a primeira vez que foi pro Chile ficou na casa do Darcy Ribeiro, que era amigo da minha mãe, ou seja, eu fui cercada de figuras que marcaram o Brasil mesmo. E o Darcy tava no Chile e com a Berta Ribeiro, a primeira mulher dele e foi uma figura muito linda, acho que ele teve... Minha mãe tava obesa! Quanto mais ela ficava tensa, nervosa, mais ela ficava obesa. Mas ele teve uma função bem analítica, ele fazia fotos com a minha mãe em cima, eu e meu irmão embaixo. Tinha uma coisa de intervenções dele muito interessantes. Ele era muito sacador, muito, muito, sacador, gostava muito da minha mãe e foi... Ajudou muito estar na casa dele, que era uma casa bonita, um bairro muito bonito,



meu irmão não tinha muito onde viver, já tava namorando a mãe do filho dele – ele tem um filho que mora no Chile.

Minha mãe não queria que ela tivesse indo pro Chile pra ver meu irmão. Então ela queria primeiro ir pra Buenos Aires, passear em Buenos Aires, ficar cinco dias em Buenos Aires... Imagina: fazia um ano que ela não via meu irmão, tava desesperada, mas com muita raiva dele! Então ela queria criar uma viagem de passeio pra não ficar... Ela se auto-enganava achando que ela tava indo passear, não tava indo ver meu irmão. Ficamos em Buenos Aires, eu lembro, aí pegamos o trem que acho que nem existe mais, que vai de Buenos Aires pra Santiago, que atravessa toda a cordilheira, que é uma viagem linda! Uma viagem enorme e linda! Chegamos lá e meu irmão não tava esperando a gente, foi uma bagunça até eles conseguirem se ver, porque era super complicada a relação dos dois. Nossa, que bagunça, era uma paixão infinita dos dois, eu acho, mas muito sofrida, muito ressentida! Ai, foi difícil essa ida ao Chile.

Bom, e paralelamente a tudo isso, a gente ia crescendo nesse grupo de estudos, porque eu tava ainda terminando a faculdade, a gente começou... A gente fez... Isso também é outra coisa linda, esse grupo de estudos resolveu estudar Lacan com a Marilena Chauí, que se dispôs, a gente fez um ano e meio de Lacan com a Marilena Chauí. Então a gente teve privilégios mesmo.

[40:30] Eu lembro também de uma vez que o [Andre] Green veio pela Sociedade de Psicanálise e minha mãe conseguiu pelos contatos dela que a gente pudesse assistir as conferências do Green. Eu já tava em análise e eu tinha deixado meu cabelo crespo, porque essa questão era uma questão, só com a minha análise primeira e com a aparecimento da Gal [Costa] e do Caetano [Veloso] que eu pude deixar meu cabelo crespo. Eu alisava angustiadamente meu cabelo, não podia tomar chuva, não podia entrar na piscina, era um terror. E eu soltei o meu cabelo e eu me lembro de ter ido na conferência do Green, que as pessoas falaram disso, com meu cabelo assim [gestual], porque ele tava assim. Aquilo era um escândalo, ainda era um escândalo, absurdo, mas



era. Eu me divertia com meu cabelo, passou a ser algo que eu gostava, usava... E o Green não quis dar supervisão para um grupo que não fosse da Sociedade.

Bom, vai indo no tempo, enfim, aí os almoços e jantares com concretistas sempre existiu, teve um ano que o [Julio] Cortázar veio pro Brasil, que é uma história bem bonita, eu não sei... Meu pai foi várias vezes pra então União Soviética. Meu pai acompanhou visceralmente a Glasnot – a abertura. Meu pai já tinha contato com alguns poetas que não conseguiam ser publicados lá e que ele publicava aqui. Já tinha saído a antologia de poesia russa moderna e a tradução dele do [Vladimir] Maiakovski, que são traduções que eu adoro! Eu tenho o livro do Maiakovski, a *Antologia de poesia russa moderna*, do meu lado, na cabeceira, assim, eu adoro. Acho uma história linda, terrível, a história do Maiakovski.

Nisso eu me formei, minha primeira entrada foi no mestrado em Psicologia Social, mas continuava os grupos. E aí eu fui fazer supervisão com alguém que eu escolhi, eu fui fazer grupos de estudo com a Julieta Nóbrega que também tava no grupo. E foi quando surgiu a proposta do Roberto...

E minha mãe nesse momento tinha ido fazer análise com o Roberto Azevedo. Foi quando o Roberto Azevedo contou pra minha mãe que a Madre Cristina [Célia Sodré Dória] tinha procurado ele, que ela tava fundando um instituto de formação de terapeutas e que ela queria que a psicanálise estivesse lá e chamou o Roberto Azevedo. Minha mãe, em análise com o Roberto Azevedo, eles decidiram interromper a análise e trabalhar juntos nesse projeto. Eu, esse grupo que acompanhava minha mãe, quando surgiu o Sedes... Gozado, eu gostava da formação que a gente fazia, que era uma busca pelas preferências, pelas escolhas, não era uma busca institucionalizada. Tinha a Julieta com quem a gente se formava no trabalho com crianças...

Naquele momento minha mãe tinha uma ideia muito linda, utópica, de um trabalho em equipe.

Quando eu me formei todo mundo trabalhava na Rua Maranhão, tinha reuniões às 3as feiras onde a gente discutia os casos, os casos eram encaminhados de acordo com:



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

"Você tá com mais disponibilidade pra atender alguém... Você tá com pacientes que te permitem atender alguém que não tá podendo pagar?". Tinha então toda uma preocupação pra que as pessoas pudessem atender pessoas que não podiam pagar e ao mesmo tempo uma preocupação que as pessoas precisavam sobreviver. E tudo era discutido. Vinha o Fabio Herrmann também. Ele era parte desse grupo. Nos sábados a gente tinha o grupo... Era uma coisa muito grudada, era um grupo muito coeso... Eu tinha me formado, tinha a Marilza Taffarel fazia parte desse grupo, a Sandra Moreira, a Bela Sister, enfim... Era um grupo... Era uma família, uma grande família, a gente se via sábado, minha mãe fazia almoço, fazia janta...

A minha mãe era, enfim...

[45:55] E quando surgiu a ideia do Sedes, um pouco eu sentia como uma perda, porque... E eu acho, ainda hoje, que pra estar no Sedes é muito importante que você tenha essa experiência de ir construindo tua formação não através de uma instituição, mas através de uma busca que é tua. A instituição tem que entrar no teu percurso, que é teu, e não fazer o percurso por você.

Então todo esse grupo que tava em volta da minha mãe, faz a seleção pra entrar no Sedes. Agora quem que foi, como é que o Sedes podia existir? Foi em 76, né? Como é que o Sedes podia existir? Quem que ia dar aula no Sedes? Então o Roberto Azevedo e a minha mãe chamam o Fabio, o Isaías... O Roberto tinha chegado de Portugal e ele tinha interrompido lá o grupo de estudos que a minha mãe fazia parte pra ir fazer análise com o [Herbert Alexander] Rosenfeld, que era um analisando... Foi analisado pela Melanie Klein. Então toda uma coisa absolutamente inglesa. Quando ele chega de Portugal, esse grupo, que andava tudo em grupo, essa equipe, foi fazer supervisão com o Roberto, enquanto a minha mãe tava em análise com o Roberto.

Era uma escola inglesa rígida, eu não me identificava, embora tivesse feito uma análise bioniana – bionesca como eu chamava, porque era uma loucura! Mas tinha um jeito aí...



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Mas, enfim... Minha mãe e o Roberto foram chamando... Resolveram chamar... Quem que eles podiam chamar? Os analistas da Sociedade, não tinham outros analistas. Aí chamaram meu analista, o Deodato Azambuja, o Deocleciano Alves, o Orestes [Forlenza Neto], o Jamil [Signorini], não lembro mais direito... Eu sei que essas pessoas então... O Sedes surge. E é interessante que nessa primeira turma do Sedes, o pessoal que quis ir fazer o Sedes tava: O Jorge Forbes, várias pessoas que depois foram pra Sociedade e se sobressaíram na Sociedade de Psicanálise.

Era uma... Isso era 76, né? Então não existiam ainda os grupos lacanianos. O Forbes chegou a fazer um tempo, depois ele largou. Mas era interessante quem buscou o Sedes naquele momento, era interessante, era uma turma de 50 pessoas. Naquele momento a Marilene Carone, que também era do grupo e a Marilza entram também como alunas...

E aí teve uma coisa muito difícil, que a Sociedade se pronunciou contra essas pessoas estarem dando aula de psicanálise fora da IPA, foi muito difícil. O que eles falavam era que: "Tá, você pode escolher dar aula fora da IPA, mas você não vai fazer carreira aqui, e as pessoas que estavam ligadas à Revista ou a alguma coisa tinham que se desligar dessas revistas porque... E isso causou uma baita celeuma, uma coisa muito complicada dentro da Sociedade e foi onde eles nomearam quem era analista naquele momento quem fizesse formação na IPA.

[50:40] Bom, aí as pessoas foram saindo, foram deixando de dar aula no Sedes, foi uma crise terrível e meu analista também e isso deu uma crise muito grave na minha análise.

Eu já tava no 4º, 5º ano de análise, mas eu acho que meu término de análise eu considero que foi um término, mas talvez pudesse ter ido um pouco mais adiante, porque foi muito difícil, eu acho que pro Deodato e pra mim, foi um pedaço muito duro. Porque uma vez eu tava indo pra análise e o [Laertes Moura] Ferrão que tinha sido analista didata do Deodato tava saindo da sala dele e eu fiquei muito brava, porque eu sabia que os didatas estavam pressionando pros analistas saírem e foi ruim. Foi difícil. Se chegou à



conclusão de que quem fosse da IPA tinha que ter um diploma pendurado na sala pra que as pessoas soubessem quando estavam procurando um analista de verdade. Isso não aconteceu, acho, que eu saiba, mas foi um pedaço muito sofrido. E não deu pra continuar dando as aulas.

Foi quando o Sedes parou por um mês, foi quando acho que o Roberto trouxe a tal da Maria Rita de Portugal, que ela era especialista com crianças. E entrou a Marilena e a Marilza pra darem aula, porque, se não, o Sedes não ia poder continuar.

O Isaías sempre teve ligado de uma maneira, assim, ele era convidado, ele não queria se ligar organicamente. E o Isaías também tinha uma ideia do Sedes, de que o Sedes podia ser uma Tavistock, ou seja, um lugar pra ensinar, trabalho com família, casal, criança, mas é como se "a" psicanálise pura tinha que ser na Sociedade. Mas ele sempre que convidado ele gostava, enfim. Mas então ficou o Fabio Herrmann, o Roberto, minha mãe, a Marilene, Marilza e essa Maria Rita e o Sedes continuou. Foi quando vieram os argentinos, no final de 76 eles começam a chegar.

Eu lembro muito da Ana Sigal com a Bárbara no carrinho e ela... Quem eles procuraram de início foi a Amazonas. A Amazonas era uma analista da Sociedade muito querida, muito vanguarda, muito pra frente, que ela não queria dar aula, não se interessou por estar no Sedes, mas era uma pessoa bem revolucionária como pessoa.

A Ana e o Hugo [Rosenberg] quando chegaram procuraram a Amazonas que deu o nome da minha mãe e foi... Daí pra frente se formou uma grande família mesmo. A Ana e o Hugo com a Bárbara foram morar – eu sei até o prédio que é na Rua Sabará, um prédio em que também morou um monte dos argentinos que chegaram morou nesse prédio. E aí veio o Mario [Fuks], a Lucía [Fuks]... Eu lembro do Mário e da Lucía com o Emiliano no carrinho e a gente, realmente, foi uma grande família. A Marilene fazia altos churrascos, ela tinha uma casa na Rua Bocaina com um espaço atrás e tinha uns churrascos. O Guijo [Bigliani] também fazia parte, a Lea [Bigliani]... E teve festas... Eu me lembro que eu ensinei a sambar o Guijo, o Hugo... Que a gente ensinava como era sambar... E teve uma



coisa, acho que tanto em mim, quanto na minha mãe e no meu pai, acho que teve uma coisa muito reparadora, porque a gente tinha o Carlos no exílio. Então a gente acolheu como família mesmo, como uma coisa... Foi muito bonito.

[55:45] Logo no ano seguinte a Ana vai dar aula. A gente imediatamente fez um grupo de estudo, a Ana e o Hugo chegaram com dificuldades mesmo pra se localizar, pra poder se organizar e foi um momento difícil. A gente foi fazer grupo de estudo com a Ana sobre o teste das relações objetais, que a Ana tinha estado em Londres, tinha estado em contato com... E a gente foi fazer grupo de estudo, a gente fazia grupo de estudo com a Julieta, a gente fazia grupo... A gente tinha um monte de grupo de estudos. Depois a gente foi fazer também um grupo de estudo, a gente trabalhou Baranger junto... Enfim, foi um momento muito rico.

Eu lembro que... Minha mãe era muito maluquinha mesmo, ela chamava uma mulher que vendia roupa lá no consultório e ficava uma farra: a Ana, eu, a Marilza, todo mundo escolhendo roupas. E eu lembro a Ana escolhendo as coisas dela e não querendo gastar, aflita com isso, porque estavam chegando... Teve... A gente se acompanhou nessa construção que foi sendo feita mesmo. E foi mesmo a família... A Ana foi alguém que me ajudou muito quando a minha mãe adoeceu, enfim.

E a Ana foi dar aula no Sedes, e logo o Mario e o Guijo, a Lea, a Lucía, enfim. Até que em 81 tem a primeira cisão. Porque houve uma diferença importante em como o Roberto pensava a formação e a gente pensava a formação. O disparador, olha que difícil foi: a minha mãe, a Ana e todo mundo estavam me propondo pra eu ser professora e o Roberto tava propondo o Sérgio Telles, e aí a propósito dessa contratação, se desencadeia um desentendimento terrível – sempre a questão das contratações que é um calinho que se carrega no grupo que fica. E foi terrível, foi uma briga feia, feia! Em que o Roberto usou material de análise da minha mãe, em que ele psicopatologizou a minha mãe, foi uma briga muito difícil mesmo. Aí então se formaram dois grupos pra formar em psicanálise, porque o que a Madre Cristina dizia o tempo todo é que ela não ia julgar e que



a história ia julgar: "A história vai julgar, eu não vou julgar". E até hoje existem os dois grupos de formação! Eu acho que cada vez fica mais esquisito que existam dois, mas existem dois e tem algumas atividades, inclusive o Fórum Permanente que tem pensado a questão racial são os dois grupos trabalhando juntos na questão racial. Mas, naquele momento, foi muito difícil, foi muito triste.

Bom, mas aí ficou um grupo numa escola mais inglesa, que era o grupo do Roberto Azevedo e outro grupo mais Freud, fundo no Freud.

[1:00:00] O Roberto tinha uma ideia mesmo de criar uma estrutura muito próxima da IPA, que era uma estrutura piramidal: os didatas, os efetivos, os membros, os candidatos... Que é assim que a Sociedade, que a IPA funciona. Ele queria criar também escalões, escalões que eu sempre fico muito atenta nessa história de membro efetivo, membro não efetivo do departamento, toda essa coisa eu fico muito atenta, porque eu acho que a gente batalhou muito foi por uma estrutura horizontalizada com troca, com paridade de opiniões, enfim... E a questão no final foi muito essa: como cada um pensava a formação.

E assim foi, o Guijo e a Lea ficaram com o Roberto Azevedo... Foi uma divisão triste, triste... Enfim, mas foi como foi e a gente se estruturou desse jeito. Eu passei também a dar aula, isso era 81.

Bom, aí o Sedes foi crescendo, acho que foi uma coisa boa, teve momentos muito ricos e de trabalho também, com a formação de profissionais da rede de saúde mental, sempre com uma atuação política interessante...

A Carta de Princípios do Sedes que continua vigente é absolutamente revolucionária, é uma proposta de um país com menos desigualdade, com mais justiça social, enfim.... Era a Madre Cristina, que era uma figura absolutamente coerente no bom sentido.

Eu lembro da Madre Cristina na missa do [Vladimir] Herzog na Sé enfrentando a polícia. Enfrentando! Dizendo: "Para com isso, você pensa que você é o que?". Ela tinha



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

uma coisa absolutamente contestadora, ela expulsou policiais da cantina do Sedes: "Polícia não tem nada que fazer aqui, pode sair!". Ela era louca, louca no bom sentido, ela falava, ela era completamente briguenta, ela abrigou pessoas no Sedes da Rua Paranaguá, ela escondeu clandestinos dentro do Sedes, ela era muito corajosa! Muito corajosa. E a ideia toda de um instituto de terapeutas é dela.

E naquele momento quando o Sedes surgiu lá em 76 tinha... – ainda tem, né? – O CEPIS - que é o Centro de Educação Popular, que é um trabalho lindo nas comunidades. O PT nasceu no Sedes, a fundação do PT acontece naquele auditório. E tinha também, como é? A questão indígena...

Cada um tinha uma salinha no Sedes, tudo podia acontecer no Sedes! Hoje não tem mais sala nem pra dar aula que tá tudo difícil, porque o mundo ficou super povoado. Mas tudo acontecia no Sedes. O movimento da anistia... Enfim... O Sedes centralizava uma efervescência política pela justiça, contra a censura... Qualquer coisa libertária tinha espaço no Sedes. O que é lindo, não é?

Eu acho que hoje as coisas se burocratizaram de um jeito muito chato, complicado e acho que não é só no Sedes, mas o Sedes não escapa.

Bom, mas aí as coisas vão andando e aí tem a segunda cisão, a segunda separação. Eu começo a dar aula, a Cristina [Ocariz], a Silvia [Alonso] entram também. Eu começo a dar aula. Bom, algo começou a não funcionar, tensões começaram a acontecer, se chamou o Fernando Ulloa pra fazer uma análise institucional.

[1:05:10] O que é que não andava bem? Hoje eu não consigo nomear, mas eu posso falar do que foi a cisão, que eu acho que talvez ajude a entender. Algo não andava bem no reconhecimento de pessoas formadas pelo Sedes que queriam ser professores, que estavam desejando ser professores. E algo não aconteceu por aí, elas não conseguiram ser professoras e com isso, depois dessa análise institucional, que foi muito sofrida, muito sofrida mesmo! Sai a Marilene, o Fabio e a Marilza e junto todo o grupo que veio da minha mãe: a Sandra, a Bela... As pessoas fazem um corte com o Sedes e com a minha mãe. Eu



me senti super mal, porque eu era muito próxima de todas e todos... O Fabio também. Na véspera disso acontecer eu tinha ido beber com a Marilza, tinha saído, a gente tinha conversado... De repente veio essa bomba no dia seguinte, foi muito difícil pra mim, porque eu não sentia... Eu não queria ir embora, mas eu entendia por que eles estavam indo embora, então foi muito difícil. E minha mãe ficou muito mal e muito solitária, muito solitária. E foi um momento muito triste. Todos nós que ficamos: a Ana, o Mário, todo mundo sofreu muito com essa cisão. Depois também o que apareceu foi que o Fabio tava formando um núcleo dele dentro da Sociedade que ele tinha as teorias e a psicanálise dele que ele queria difundir. Foram aparecendo outras coisas bem importantes aí, mas pra mim foi muito dolorido.

Naquele momento eu interpretei mesmo como uma revolta dos filhos em relação à minha mãe, como se minha mãe fosse o “pai da horda” e os irmãos se rebelassem. Hoje eu não acho isso, embora pudesse ter algo disso, de precisar matar o pai pra existir, embora fosse a mãe, a mãe... Mas pode ter tido algo disso, mas eu acho que são questões espinhosas, complicadas que até hoje são presentes, mas que, enfim, foram elaboradas, são trabalhadas cotidianamente nesse espaço.

Nesse meio tempo, isso já era então 83, 84... Nisso eu já tinha me separado, eu tinha publicado... Feito o meu mestrado em literatura e psicanálise, tava fazendo meu doutorado em teatro e psicanálise. O meu doutorado é sobre Stanislavski e Freud, ou seja, eu nunca deixei de ter essa dupla pertinência que eu mantenho de algum jeito até hoje.

Eu terminei meu mestrado em 85. Depois que a minha mãe morreu.

Bom, a doença da minha mãe é outro capítulo, porque nesse meio tempo foi fundado o Departamento [de Psicanálise do Instituto Sedes]. A bagunça temporal que fica...

Minha mãe...

[1:10:00] Apareceu na minha mãe um caroço no seio, no meio dessa coisa do meu irmão... Meu irmão já tava... em 78 meu irmão volta com a anistia. Meu irmão volta e vai



morar em Guarulhos, porque ele se proletariza, porque ele veio de Cuba, enfim, ele só foi embora do Brasil porque não teve jeito, a ideia dele sempre era estar voltando, porque ele continuava querendo lutar pelo Brasil. Pra ele foi muito duro não poder voltar, foi uma coisa bem difícil. Então quando ele volta, ele vai pra Guarulhos, não fica perto da minha mãe.

E nesse meio tempo aparece um caroço no seio que a minha mãe passou um ano tratando com homeopatia e com cirurgias... Você chegou a conhecer o Rosa, o acupunturista? Que era um acupunturista maravilhoso que tratava da minha mãe e ela passou um ano, era visível o caroço, não tinha como pegar um trator e levar a minha mãe com um guindaste no médico, mas ela não ia no médico. Minha avó tinha morrido de um câncer no seio, a mãe dela, e tinha sido algo bem traumático. Isso eu tinha seis anos quando a minha vó morreu. Pois ela repete a história da minha vó, não trata e vai pra Europa.

Meu pai queria voltar pra Itália, meu pai sempre teve uma ligação imensa com a Itália por causa da guerra e reencontrou pessoas da época, pracinhas de quando foi a primeira vez, é bem tocante essa história. E foi viajar.

Quando a minha mãe vai viajar acontece essa doença do meu irmão. Eu sei que ele tinha pegado uma tuberculose e precisou meu irmão melhorar pra ela ir cuidar do câncer.

Aí ela vai, porque tava inflamando também e ela vai em um cirurgião que, enfim, tinha que tirar o seio. Foi quando ela me pediu que eu comprasse essa cerâmica, porque ela tava elaborando a perda do seio.

Nisso estavam acontecendo já...

Foi junto com isso que estavam acontecendo também as reuniões sonhando o Departamento. O Departamento era um grande sonho da minha mãe, o Departamento de Psicanálise. E durante toda a química e tudo o que ela viveu, ela foi gestando também isso que é hoje o Departamento e que cresceu imensamente. Ela queria sim que o Sedes fosse um lugar de pertinência pra além de um curso de formação de analistas.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Foi assim que ela fez a cirurgia. Ela fumava, fumava muito. Na véspera da cirurgia – depois ela teve que parar na marra, mas na véspera da cirurgia no Einstein, ela aparece fumando no corredor se despedindo do cigarro. Era assim. E lá foi ela. E foi muito difícil essa cirurgia, porque ela era obesa, porque não cicatrizava e foram... Foi quase um ano eu levando ela... E foi muito difícil, porque ela foi num médico que esqueceu do anti-hormônio, que não sei o que, eu fiquei... Eu não gostei do médico, foi horrível e eu fui no Sergio Simon, levei todos os exames dela e ela foi pro Sergio Simon, porque o outro já queria operar o outro seio, porque tinha aparecido outro caroço no outro seio, e o Sergio Simon disse que não era pra fazer nada disso e eu carreguei ela literalmente pro Sergio Simon. E foi isso. Aí ela foi parando... Pegou os ossos, foi parando de andar... Mas o Simon foi muito sábio. Ele falou, depois em um momento, ela fez químio lá e num determinado momento ele falou: "Vai viajar". Ela já tava com metástase no osso e tal. "Vai viajar, você tá podendo, você tá andando, aproveita!".

[1:15:05] Ela foi, foi pra França, viajou, viajou pra Holanda e na volta ela parou de andar. Foi na volta. Eu acho que ele foi de uma sabedoria incrível. E ela mesmo parando de andar, era muito difícil, porque ela queria ir no cinema, ela queria ver exposição, e a gente carregando ela no carrinho, ela não tinha a mínima pena da gente.

Teve momentos que eu tive raiva, porque eu tava exausta e: "Não, eu quero ir no cinema". E a gente levava no cinema. Ela foi ver uma exposição, uma que teve, nem lembro... Uma importante que teve. E o meu pai, eu, naquele momento [Luiz Roberto] Salinas, carregando minha mãe pra lá e pra cá. E uma ânsia de ver, de viver, de falar, de estar, uma coisa muito impressionante!

E foi assim, de cadeiras de rodas, que ela foi, em dezembro de 85, e fizemos a fundação do Departamento, ela subiu de elevador e foi fundado o Departamento. Acho que foi 9 ou 10 de dezembro de 85. 85? Não. É? Não, 84! Porque ela morreu em 85. E 21 de janeiro ela morreu, depois de nove dias na UTI. Então antes de morrer ela fundou o Departamento de Psicanálise, depois de muita... Foi um ano muito movimentado, com



paralisia dos alunos que queriam as [comissões] paritárias, com muito questionamento sobre o que era o curso. Um movimento super importante e interessante. E foi fundado então o Departamento, que eu acho que traz as marcas de toda essa história. Aí eu participei da comissão que criou o regulamento, regimento...

E eu vivi uma coisa bastante difícil. Bom, em todos os sentidos... Meu irmão participou muito pouco, porque era a greve da Votorantim naquele momento, quando a minha mãe, antes dela ir pra UTI, ele visitou pouco, ela tava muito magoada com ele, mas, enfim, era como era.

Depois da morte, meu pai... Bom, foi tudo muito... Meu pai e meu irmão, enfim, lidaram como puderam, de um jeito triste. E eu vivi uma coisa muito difícil. Eu não podia entrar no lugar da minha mãe. Minha mãe era a minha mãe. Mas isso é um trabalho que eu faço até hoje, porque a demanda é de que eu entre nesse lugar.

É uma demanda do meu irmão, é uma demanda às vezes de outros agregados ou próximos e pra eu ir saindo desse lugar, pra eu deixar de ter a missão que a minha mãe tinha em relação ao Sedes, pra eu me posicionar de um jeito próprio no Sedes é um trabalho que eu faço até hoje, até hoje!

Minha mãe no final da vida foi muito acompanhada pela Ana [Maria Sigal], pelo Mario [Fuks], pela Lucía [Fuks]. A Ana foi uma irmã mesmo, e aí acho que ela deixar esse lugar vago deu margem a coisas bastante difíceis, né? Quem ocupa o lugar da Regina [Schnaiderman]? Eu acho que ninguém e não precisa. É uma memória que tá aí e é importante que esteja e é um trabalho que acho que todos nós temos que fazer. Principalmente as irmãs: eu e a Ana, que a fundação do [Departamento de Psicanálise] Sedes, a origem, a ideia, o sonho, é da minha mãe... Claro que passou a ser nosso também, mas ela sempre vai ocupar esse lugar. E é um trabalho ainda necessário.

[1:20:15] E depois disso, o Departamento cresceu de um jeito lindo. Cresceu sofrendo os embates do Brasil, da sociedade, de uma conexão com o mundo... Viveu... Temos, vivemos momentos tão difíceis nesses últimos quatro anos, momentos...



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

A Madre Cristina morreu... Pra mim também foi muito dolorida a morte da Madre Cristina. Outras freiras vieram. A Madre Cristina é insubstituível também. Mas o Sedes, a partir disso, foi ganhando caras diferentes também. Também sofreu as injunções do contemporâneo, onde uma burocratização é inevitável. Eu sofro muito com isso, mas é.

Eu acho que também tem uma coisa importante... E nisso, depois que a minha mãe morreu, só depois que a minha mãe morreu eu consegui defender meu mestrado, porque eu me dediquei à minha mãe e a tudo isso, acho que de uma maneira... Não tinha espaço pro mestrado.

Meu mestrado eu fiz com o Haroldo de Campos. Os dois: mestrado e doutorado foram feitos em família, mas o que tornou bastante difícil. O Haroldo durante a feitura do mestrado não me deixava entrar na casa dele. Ele pegava o que eu tinha escrito no portão da casa e me devolvia rabiscado pra eu trabalhar em casa. Quando eu terminei, ele abriu a casa e disse: "Quer tomar um whisky?", quando eu entreguei o volume pronto, até lá ele não abria a casa dele pra gente sentar e conversar, não tinha, é impressionante. Foi o jeito que ele lidou com a proximidade. E acho que ele também tava muito abalado com a morte da minha mãe, muito triste... Todo mundo gostava muito da minha mãe, eles tinham uma proximidade... E foi em seguida, porque eu já tava com os prazos estourados.

Fiz meu mestrado sobre literatura e psicanálise. E é sempre essa divisão: pai e mãe, né? Eu ficava juntando no meu mestrado, no meu doutorado, enfim, literatura e psicanálise... É um livro que eu gosto: *O hiato convexo*.

Em seguida eu fui fazer meu doutorado com o Jacob [Guinsburg]. Meu doutorado é Stanislavski e Freud.

E é um tema que surgiu... Eu dei um seminário, um curso de psicologia e teatro na pós-graduação, o Jacob me chamou, o Jacob Guinsburg e surgiu esse tema no seminário de uma aluna, o método das ações físicas do Stanislavski e me interessou: de que jeito que o trabalho com o corpo podia criar estados afetivos e eu pensei nas histéricas e eu



pensei que o Freud nasce a partir de uma questão que vem do corpo e aí fui fazer meu doutorado de Stanislavski e Freud.

Nesse meio tempo eu conheci o Reinaldo [Pinheiro] que me procurou pra fazer um roteiro junto comigo, a gente mal se conhecia, a gente tinha se conhecido numa festa e ele me procura... Eu escrevia na Folha [de São Paulo] sobre cinema, sempre escrevi muito, era muito apaixonada por cinema e saíam alguns textos meus no antigo *Mais* – que hoje é *Ilustríssima* – e saíam, assim... O Alcino quando dirigia a *Ilustrada*, o Alcino Leite, ele me pedia pra escrever sobre os filmes que tinham entrado e tal, então eu escrevia bastante sobre cinema. E o Reinaldo me procurou pra escrever um roteiro, um roteiro que nunca aconteceu, o filme não aconteceu, que chamava *Bandido Blues* e era uma história trágica, era uma história de uma psicóloga que se apaixona por um egresso da Febem e é uma história muito trágica que acaba muito mal. E era um momento... Essa parte acontece no nascimento do PT, num momento muito rico, da Lira Paulistana...

E a gente mergulhou em fazer um roteiro de ficção... Vocês duas devem saber, é um pouco alucinar autorizadamente... Você mergulha, porque você enxerga o filme, é muito lindo e é muito difícil, porque depois se não sai é muito frustrante, mas é uma experiência de uma alucinação autorizada, de um sonho autorizado.

[1:25:30] E foi uma experiência de uma intensidade, porque a gente punha Itamar Assumpção, punha Walter Franco... Tinha uma trilha incrível... A gente viveu muito intensamente... Chamava *Bandido Blues*. Não conseguimos fazer esse filme, mas nasceu... O nosso amor nasce com o cinema, ou o cinema em mim nasce com esse amor, porque eu acompanhava os cursos do meu pai sobre Eisenstein, eu ia muito ao cinema, eu adorava, eu escrevia muito sobre cinema, mas eu não me imaginava fazendo cinema, né? E, de repente, passou a ser possível fazer cinema.

O primeiro curta meu é o *Dizem que sou louco*, que é uma ideia do Reinaldo, ele tinha a ideia de fazer um filme sobre o louco do bairro, um curta, um documentário. E ele falou, já tinha tentado duas vezes, não tinha conseguido, aí ele falou: "Você não quer



tentar?". Aí a gente bolou lá... Você tinha que entregar um roteiro, o que é um absurdo, né, de documentário... A gente inventava... Tinha umas figuras que a gente acompanhava da rua, a gente punha lá e inventava... E aí saiu, eu fiz o meu primeiro curta. Daí não parei mais, a verdade é que eu não parei mais.

Hoje eu penso que aquela minha ideia de que o consultório, de que eu não ia fazer consultório porque eu ia ter uma atividade mais ampla, eu acho que no cinema eu encontrei isso, não só no cinema, mas também no cinema. Eu acho que eu tenho nesse momento uma inserção que é mais do que o consultório. Eu adoro o consultório, tenho uma clínica imensa, trabalho muito e gosto! Gosto mesmo. Mas o cinema realizou um sonho de me esparramar pelo mundo, numa coisa de luta por um mundo mais colorido, mais bonito, mais igualitário... E eu acho que eu fui pra cantos que eu só pude ir porque eu fazia documentários.

Meu segundo documentário: *Artesãos da morte*, é fruto de uma supervisão, o tema surge numa supervisão. Eu fui atrás de pessoas que trabalham, que tocam o cadáver, porque eu tinha dado uma supervisão de uma pessoa que trabalha, até hoje trabalha num hospital e tinha atendido um pedreiro de cemitério que tinha tentado suicídio. E era um pedreiro que dizia que tinha 20 filhos. Ele fazia filhos, porque vida, morte... Mais da metade morria, mas... A vida e a morte eram qualquer coisa. Aí eu fiquei com vontade de saber o que é que a morte, pra essas pessoas que no dia a dia convivem com a morte, e saiu o *Artesãos da Morte* que daí é um filme premiado, passou muito no exterior, ganhou um monte de prêmios... Eu acho que foi o filme que me pôs no cinema mesmo, assim. E viajei bastante com ele.

A partir daí... Até o *Sobreviventes*, que eu fiz com o Reinaldo, que é de 2009, todo ano eu fazia um filme. Foi muito... Fiz *Procura-se Janaína*, *Sobreviventes*. E junto com o consultório, nunca abandonei o consultório e o estudo do Freud.

Teve um momento em que eu me afastei do Sedes porque eu não tava dando conta com *Artesãos da Morte*, eu me afastei. Me afastei mesmo, fiz todo o negócio da



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

demissão, fui no Sindicato, fiz exame de saúde, tudo isso, porque tem que fazer e depois de uns tempos eu voltei. Voltei. E gosto de estar no Sedes, gosto. É muito difícil, mas eu gosto. Só que entra naquela minha coisa voraz de dar conta de tudo, de não querer abrir mão de nada e isso é complicado.

[1:30:05] Eu tô também precisando me dedicar aos meus livros, que estão aí... Tenho mil artigos publicados em mil lugares e não tenho livro. Não publiquei meu doutorado que eu acho que eu devo publicar, já tem 40 anos, 30 e poucos...

Também, olha o exemplo da voracidade: eu lancei o *Dizem que sou louco* uma semana depois de ter defendido o doutorado. É louco, né? Eu terminei o *Dizem*, defendi o doutorado no mesmo mês. E é isso, minha vida até hoje é isso.

Eu nesse momento eu venho de uma experiência incrível, eu acompanhei um grupo de teatro de bonecos que chama *O pescador e a mulher esqueleto*, o diretor [João Bresser] queria uma "psi" pra acompanhar as apresentações porque ele achava que não ia dar conta das perguntas que as crianças iam fazer, porque é uma peça de um casamento inusitado: um pescador com uma caveira que ele pesca, e os dois se apaixonam. Então ele queria muito... Ele se sentiu inseguro, de ir sem uma psicóloga, psicanalista... E eu fui. E fiz uma loucura no meu consultório, virei de pernas pro ar, e acompanhei. Foram 20 saídas pela periferia acompanhando. E eu adorei a experiência. E eu acho que trabalhando com as crianças, os CEUs ficaram lotados, são teatros incríveis com um puta equipamento. 400 crianças assistindo a peça, terminava a peça e: "Vocês querem falar alguma coisa?". As 400 levantavam a mão e era uma farra, era lindo! Teve uma vez que uma chegou e falou: "Olha, meu pai é preto e minha mãe é branca, e tudo bem". As crianças falavam mesmo. Ou eu perguntava: "Vocês já se sentiram assim, olhados esquisitos, como é que é?". E um menino falou: "Eu já, um bandido". Aí não dava pra continuar, porque estavam 400 crianças juntas, mas foi uma experiência muito... que eu gostei de ter feito, faria de novo, com a maior dificuldade no consultório de remanejar paciente pra lá e pra cá, mas foi uma experiência muito rica, eu vou escrever sobre isso,



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

porque essa coisa dos bonecos, dos *bunraku*, que são bonecos que três atores precisam manipular a cada vez e que aparecem. E essa história de teatro japonês que eles fazem questão que o manipulador apareça, que eu acho uma coisa muito linda e que marca uma diferença de cultura mesmo. Enfim, não para.

Eu acabei de fazer também um documentário defendendo a prorrogação da lei das cotas. Desde 2005 eu venho fazendo filmes sobre a questão do racismo, uma causa na qual eu me engajo visceralmente. Acho que a questão de vir de uma família judia, atea, nada religiosa, meu pai quis ser cremado, mas isso me instrumenta pra saber o que é a discriminação, de algum jeito. Tem sido muito importante essa experiência.

Eu tô com essa pulseirinha que uma indígena me deu no último debate que foi em São Carlos, tinham indígenas também, super gratos com esse documentarinho, porque tem um depoimento bem importante de uma indígena e ela levou: "A gente quis te dar de gratidão". Então aí não tiro mais, porque com negros eu sabia que era um vídeo muito focado, mas os indígenas se sentiram também cuidados nesse documentário e eu tenho muito orgulho de ter feito sim.

Bom, é isso, falta alguma coisa?

(risos)

[HEIDI TABACOF] Não, muito obrigada.

[MIRIAM CHNAIDERMAN] É muito, né?

[HEIDI TABACOF] É muita coisa, né?

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Nossa!

[REINALDO PINHEIRO] Se deixar...

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Se deixar eu vou... (risos) É só soltar que eu falo...

[HEIDI TABACOF] Nossa, muito obrigada, querida.

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Ai, obrigada a você, imagina! Qualquer coisa vocês me falam, né?



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

[CRÉDITOS]

[HEIDI TABACOF] Você tá com microfone...

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Ai, ai, ai...

[HEIDI TABACOF] Ótimo, muito obrigada.

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Obrigada a você.

[HEIDI TABACOF] Aprendi muitas coisas (risos)

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Você não sabia de muitas?

[HEIDI TABACOF] Mas achei que foi muito interessante como você contou toda a história e depois você disse como isso está no sonho do Departamento... Muito bom.

Deu uma boa... Foi levando...

[REINALDO PINNHEIRO] É, exatamente...

[HEIDI TABACOF] Foi levando e...

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Tinha muito mais, outras histórias, porque depois pintaram os grupos lacanianos...

[HEIDI TABACOF] Mas eu acho que você foi... Quanto à história da psicanálise também em São Paulo, os elementos foram...

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Porque minha mãe foi das primeiras a fazer a revisão do Lacan, quando ninguém conhecia o Lacan, né?

[HEIDI TABACOF] Pois é...

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Mas eu falei que a minha mãe foi precursora...

[REINALDO PINHEIRO] E esqueceu de contar a história do seu pai da polícia...

[MIRIAM CHNAIDERMAN] Ah, meu pai em 68... Mas todo mundo já contou essa história...

[HEIDI TABACOF] Mas foi legal como as histórias foram conduzindo, conduzindo...

FIM



## PSICANALISTAS QUE FALAM – EPISÓDIO #10 – Miriam Chnaiderman

### FICHA TÉCNICA

Duração: 102'

Ano de Produção: 2023

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Produção: Heidi Tabacof e Quelany Vicente

Assistência de direção: Jonas Tabacof Waks

Direção de fotografia: Cauê Steinberg

Câmeras e Som direto: Cauê Steinberg e Fernanda Cristiane

Edição: Fernanda Cristiane

Design gráfico: Julio Dui\_mono

Comunicação Digital: Quelany Vicente e Jonas Tabacof Waks

Realização: Tupi produções

[www.psisquefalam.com](http://www.psisquefalam.com)



@psisquefalam



@psicanalistasquefalam